

réis, confirmada pelo Supremo; neste, foi condenado a 2 meses e 20 dias de prisão e multa de um conto e seiscentos mil réis, confirmada pela Corte de Apelação.

Paralelamente à inquietação política, desenvolvia-se a inquietação jornalística, iniciada em manifestações importantes, ainda durante a Guerra Mundial, na pintura de Anita Malfatti e na escultura de Victor Brecheret, e tornando-se nítida na literatura com o após-guerra, marcada por acontecimentos como a Semana de Arte Moderna, em S. Paulo, e o rompimento de Graça Aranha com a Academia, no Rio. Essa inquietação estava, naturalmente, enraizada em condições internas, que afetavam todas as formas de atividades, mas recebia, também, acentuada influência externa de um mundo abalado pelo conflito militar e pelo aparecimento da União Soviética. Não é aqui, evidentemente, o lugar para a análise do Movimento Modernista senão naquilo que toca à imprensa, mas convém registrar que assinalava ele mais um traço da ascensão burguesa, através, ainda aí, de aguerrida vanguarda pequeno-burguesa. Por paradoxal que pareça — e só na aparência foi isso paradoxal — um dos jornais mais ativos e mais acolhedores às manifestações modernistas foi o *Correio Paulistano*, órgão tradicionalíssimo do tradicional Partido Republicano Paulista, organização que comandava a política dominante no Estado e, na verdade, em todo o país. Mas o movimento encontrou campo bem mais largo para manifestar-se nas revistas de vanguarda que apareceram, a partir de 1922. A primeira delas foi *Klaxon*, que começou a circular a 15 de maio desse ano e agüentou-se até janeiro do ano seguinte: “sem assinaturas, sem anúncios, sem venda avulsa, sem subvenções”; organizada por Guilherme de Almeida, Tácito de Almeida e Couto de Barros, com a colaboração de Manuel Bandeira, Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Victor Brecheret e Sérgio Buarque de Holanda. Apareceram depois, em S. Paulo, no Rio e em vários outros centros culturais do país, revistas modernistas, todas de vida efêmera mas que fizeram muito ruído, embora os ecos se limitassem aos meios intelectuais: *Estética*, no Rio, em 1924; *Terra Roxa e Outras Terras*, em S. Paulo, em 1926; *Revista de Antropofagia*, em S. Paulo, em 1928, como *Papel e Tinta*; *Revista do Brasil*, na fase do Rio de Janeiro, de 1925 a 1926; *Festa*, também do Rio, de 1927 a 1929, com repique em 1934; *Movimento*, depois chamada *Movimento Brasileiro*, de 1928 a 1930; *A Revista*, de Belo Horizonte, em 1925; *Verde*, em Cataguanas, em 1928; *Elétrica*, em Itanhandu, em 1928 e 1929; *Novíssima*, em S. Paulo, em 1926; *Arco e Flecha*, na Bahia, em 1928; *Maracajá*, em Fortaleza, em 1929; *Madrugada*, em Porto Alegre, em 1929, e muitas outras. Tais revistas revelaram muitas figuras destacadas das letras brasileiras,